

Rap e literatura: uma perspectiva dialógico-discursiva na releitura do poema “O navio negroiro”

Nathalie Resende de Carvalho*

Resumo

Este trabalho visa a explicitar algumas reflexões sob o ponto de vista do interacionismo sociodiscursivo (ISD), a partir de uma análise teórico-interpretativa do gênero musical RAP enquanto atividade de expressão com foco nas interações sociais. Nesse contexto, esse artigo tem como objetivo apresentar a releitura do poema “O Navio Negroiro”, de Castro Alves, a partir da música homônima do *rapper* Slim Rimografia, numa perspectiva social da linguagem como atividade de interação. Para tanto, busca-se trazer conceitos relevantes como texto e gênero, presentes nos estudos do ISD, bem como a relação dialógica que se estabelece no estilo musical RAP. Assim, partindo do pressuposto de que a abordagem de base sociointeracionista é um dos caminhos possíveis para essa análise, torna-se válido destacar como as formações discursivas podem ressignificar a literatura e fortalecer o campo das ideias no processo de interação, ocupando uma territorialidade discursiva capaz de dialogar com diferentes gêneros textuais. O RAP em questão retrata aspectos sócio-históricos da cultura afro-brasileira e, por isso, pode ser entendido como prática de discurso capaz de transitar em várias linguagens, atualizando, assim, o texto poético. Para tanto, a fim de assinalar as especificidades desse objeto de estudo e suas formas materiais produzidas e postas em circulação nas esferas sociais do mundo contemporâneo, serão utilizadas abordagens sociointeracionistas e discursivo-dialógicas presentes nos princípios teóricos de Volóchinov (2017), Bronckart (2006; 2008) e *Bakhtin* (2011).

Palavras-chave: Texto; discurso; dialogismo; interacionismo sociodiscursivo; signo.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Docente da Educação Básica. Bolsista CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1949-8086>.

Rap and Literature: a Dialogical-Discursive Perspective in the Re-Reading of the Poem “The Slave Ship”

Abstract

This work aims to explain some reflections from the point of view of sociodiscursive interactionism (ISD), based on a theoretical-interpretative analysis of the musical genre RAP as an activity of expression focused on social interactions. In this context, this article aims to present a rereading of the poem “The Slave Ship”, by Castro Alves, based on the homonymous song by rapper Slim Rimografia, in a social perspective of language as an activity of interaction. To this end, we seek to bring relevant concepts such as text and genre, present in ISD studies, as well as the dialogic relationship established in the RAP musical style. Thus, based on the assumption that the socio-interactionist approach is one of the possible paths for this analysis, it becomes valid to highlight how discursive formations can re-signify literature and strengthen the field of ideas in the interaction process, occupying a discursive territoriality capable of to dialogue with different textual genres. The RAP in question portrays socio-historical aspects of Afro-Brazilian culture and, therefore, can be understood as a discourse practice capable of transiting in several languages, thus updating the poetic text. Therefore, in order to point out the specificities of this object of study and its material forms produced and put into circulation in the social spheres of the contemporary world, socio-interactionist and discursive-dialogical approaches present in the theoretical principles of Volóchinov (2017), Bronckart (2006; 2008) and Bakhtin (2011).

Keywords: Text and speech; Dialogism; Symbolic interactionism; Sign.

Introdução

O RAP (Rhythm and Poetry) surgiu na Jamaica nos anos 1960 e foi levado pelos jamaicanos para os Estados Unidos, mais especificamente para os bairros pobres de Nova Iorque, no começo da década de 1970. Na década de 1980, o movimento surge no Brasil e passa a ser repudiado pela elite que o considerava um movimento periférico e criminalizado. Mais tarde, a música nesse estilo rítmico ganha as rádios e a indústria fonográfica começa a dar mais atenção ao estilo, incorporando-o no cenário musical brasileiro. O RAP carrega consigo uma carga cultural tanto no estilo de se vestir quanto na maneira de falar e de se apresentar, perpassando diversas expressões artísticas – dentre elas, o grafite. Dessa forma, deixa de ser apenas um gênero musical e passa a ser um movimento, tornando-se um instrumento de importantes discussões sociais. E é nesse contexto que, em 2011, o *rapper* Slim Rimografia lança seu livro *O Navio Negreiro*. A obra é uma adaptação do clássico poema de Castro Alves¹ e traz o texto original na íntegra, junto à nova versão rítmica que, mais tarde, se tornaria uma variante musicada da obra adaptada.

O termo RAP tem o significado de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia) e, se observamos atentamente, é possível reconhecer que o estilo transita entre a música e a literatura numa declamação rítmica de versos e rimas com alturas aproximadas. No poema original, dividido em seis partes, sabe-se que o texto relata a situação sofrida pelos escravizados africanos nas viagens de navio da África para o Brasil – viagens realizadas em condições subumanas nos tempos idos de 1870. Castro Alves (1847-1871) foi um grande poeta brasileiro, crítico da escravatura e um defensor da abolição da escravidão no Brasil. A releitura do seu poema pelo *rapper* Slim Rimografia pode ser examinada numa relação dialógico-discursiva capaz de se articular com as esferas sociais, direcionando os nossos olhares à história e à memória, à arte e à cultura, à educação e à sociedade.

Essa transposição temporal nos possibilita comparar, distinguir e aproximar a música do contexto histórico da nossa sociedade, fazendo com que seja possível refletir sobre o processo de formação discursivo-dialógico

¹ "O Navio Negreiro" é um poema do escritor baiano Castro Alves – criação que integra um grande poema épico chamado "Os Escravos". Data da primeira publicação: 1883.

presente no entrecruzamento temático da proposta. Nessa perspectiva, e com base nas teorias que unificam esses elementos linguísticos, o RAP favorece essa compreensão. Afinal, o gênero musical, como um movimento da sociedade, apresenta uma potencialidade a mais no seu efeito sensorial quando estabelece uma comunicação direta com os grupos que representa. A essa relação damos o nome de “perspectiva sociointeracionista”, e por meio dela será possível compreender a associação instituída pelos signos e pela linguagem para representar o outro, o mundo e suas ações.

Os critérios para a escolha desse objeto de análise estão diretamente relacionados ao valor dado ao nosso legado literário e ao qual precisamos preservar como grande potencial histórico e cultural da identidade afro-brasileira. Discutir o gênero poema-canção em questão não é novidade, ainda mais quando este remete à temática de grupos marginalizados. Entretanto, esta análise não se esgota em si mesma, uma vez que a relação do RAP com as práticas sociais da atualidade se torna incessante. Dessa maneira, analisar de forma qualitativa as condições de produção da linguagem na releitura do poema e reconhecer a sua função social nos permite compreender como essas marcas ideológicas se constituem e se estruturam na atualidade.

A proposta desse trabalho se justifica, ao campo dimensional da Linguística, na aplicabilidade teórica e na possibilidade de percepção de que o gênero musical não ocupa um espaço vazio como também não produz elementos aleatórios. Diante disso, e com o objetivo de atender à presente proposta, a metodologia utilizada nesta investigação abarca dispositivos teóricos de Mikhail Bakhtin (2011), filósofo e pensador que nos traz questões como a interação verbal, o papel do locutor e do interlocutor no processo de comunicação. Também foram utilizados subsídios teórico-metodológicos de Jean-Paul Bronckart (2008), que nos permitem compreender como o agir nos discursos pode envolver dimensões motivacionais e intencionais, mobilizadas no nível coletivo; e, por fim, Valentin Volóchinov (2018) nos ilumina acerca da ideologia do cotidiano, realçando a natureza social dos signos.

Assim, para efeito de conhecimento, este artigo traz o poema original “O Navio Negroiro”, de Castro Alves, escrito em 1870, e a sua adaptação para o RAP (2011), apropriação que foi o principal objeto desta análise.

Desenvolvimento

As atividades coletivas, as formações sociais, os mundos representados ou os mundos formais estão diretamente relacionados aos textos e conhecimentos que estes veiculam, organizando-se em sistemas de representações coletivas de mundos específicos. O mundo social, por sua vez, se constitui das formas de estruturação desses mundos, condicionando e regulando o acesso do indivíduo aos objetos desse meio. Nessa perspectiva, a música provoca o desencadeamento de um processo de semiose capaz de construir uma ideia na mente de quem a ouve. Tal atividade funciona como o interpretante do signo ou de um conjunto de signos que trazem para o ponto de discussão a articulação temática, não apenas sobre a condição do negro nos dois contextos sociais como, também, sobre as perspectivas da (re) contextualização dos grupos representados por esse gênero musical. O RAP se apresenta como um canal importantíssimo para essa relação dialógica, uma vez que leva para a periferia a conscientização sobre temáticas sociais, reforçando a ideia de que o dialogismo, na música, traz consigo elementos que tornam o objeto de análise relevante para o entendimento dos discursos que circulam na sociedade.

Para alcançarmos êxito na análise proposta, torna-se interessante que se tenha um conhecimento prévio da obra de Castro Alves (1870) e do *rapper* Slim Rimografia (2011). Ademais, torna-se interessante destacar que um trabalho como esse oferece um olhar multissemiótico, uma vez que o clipe “O Navio Negreiro”, disponibilizado pela TV Panda Books, no canal do YouTube, agrega várias linguagens. Essa modalidade tem a possibilidade de ser ofertada em sala da aula, num trabalho de multiletramento capaz de envolver as linguagens sonora, visual, verbal e musical. A seguir consta a transcrição da letra do RAP, que foi subdividida em partes I, II, e III, sendo estas intercaladas pelo refrão. Tal feito tende a facilitar o acompanhamento da leitura do estudo.

O navio Negroiro

Slim Rimografia (2011 - <https://www.youtube.com/watch?v=hoaJV3xsVeM>)

[Feliph Neo] - Refrão

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios
Somos negros
Somos brancos
Somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo
Somos tribo, somos gente
Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura

[Slim Rimografia] – Parte I

Estamos em pleno mar
Embarcações de ferro e aço
Onde pessoas disputam palmo a palmo
por um espaço
Nesse imenso rio negro de piche e asfalto
Cristo observa tudo calado de braços abertos
lá do alto
Onde a lei do silêncio impede
que ecoe o grito do morro
Dos poetas em barracos sem forro,
que clamam por socorro

Homens de pele escura
sem sobrenome importante
Filhos de reis e rainhas
de uma terra tão distante

O mar separa o Brasil da África
Um rio separa as periferias das
mansões de magnatas
Uniformes diferenciam
funcionários de patrões
A cor denuncia vítimas
antigas de explorações

Trazidos em porões e navios negreiros
Tratados como animais
Vendidos a fazendeiros
Vivendo em cativeiros
Negociados como mercadoria
Enriquecendo a classe nobre
Hoje chamada burguesia
Deixou pra trás dialetos e crença
Caçados, mortos e açoitados
quem tentou resistência
Tratados como gado
Sem direito à educação
Emudeceram seus tambores
amaldiçoaram sua religião

Alguns morreram de fome,
de sede, de frio
Corpo magro, cheio de marcas
e o estômago vazio
Me diz: Quem são os heróis e
quem são os bandidos?
Quem merece honra,
Quem merece ser punido?
Quem lutou por liberdade
Na história foi esquecido

Sem status, sem monumentos
Só barracos foram erguidos

[Feliph Neo]– Refrão

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios
Somos negros
Somos brancos
Somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo
Somos tribo, somos gente
Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura

[Slim Rimografia] – Parte II

Fomos tratados como nada
Trazidos como bicho
Oprimidos e usados
Dispensados como lixo
Temos muito que mudar
A história não acabou
Por cada vida que por liberdade,
como Cristo, se sacrificou
Bisavós cuja voz foi silenciada
E por nós sua luta
Não pode ser abandonada
O navio hoje é barca
Sem vela, só sirene
Navegando na estrada,
Hoje volante, ontem lemes

O porão é chiqueiro de camburão
Os chicotes e açoites
Trocados por cacete e oitão
Senzala virou presídio
Quilombo é favela
Heróis: Malcolm X, Luther King,
Zumbi e Mandela

Escravidão ainda existe
Em cada olhar triste nas esquinas
Nos becos e vielas, nos sonhos em ruínas
No esgoto a céu aberto,
Na criança desnutrida
Nas mãos que pedem esmola
Nas ruas e avenidas
Herdeiros da miséria dos escravos
Trazidos em navios
Soldados do breu em busca do brio
Filhos da pátria amada,
Idolatrada mãe gentil
Onde tu estavas que tamanha
Atrocidade não viu?

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães
Outras, moças, mas nuas e espantadas
No turbilhão de espectros arrastadas

[Feliph Neo]– Refrão

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios

Somos negros
Somos brancos
Somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo
Somos tribo, somos gente
Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura

[Slim Rimografia] – Parte III

Tem um pouco de navio negreiro
Embaixo de cada viaduto
Em cada lágrima derramada,
Em cada mãe que veste luto
Tem um pouco de navio negreiro
Em cada mão que pede esmola
Em cada beco e viela,
Em cada criança longe da escola

Tem um pouco de navio negreiro
Na viola, no pandeiro
No atabaque, no cordel,
Na enxada e no tempero

Tem um pouco de navio negreiro
Na igreja, no terreiro
No santo, no orixá,
Na benzedeira e no obreiro

Tem um pouco de navio negreiro
No crucifixo, no patuá
Na mulata, no crioulo
E na cumbuca de Munguzá
Tem um pouco de navio negreiro
Na música, na poesia

Na dança, nas artes
E em cada panela vazia

Tem um pouco de navio negreiro
No futebol, no carnaval
No azeite de dendê,
No acarajé e no código penal

Tem um pouco de navio negreiro
No reflexo do espelho
Dos que lutaram e morreram
Pra não viver de joelho

Tem um pouco de navio negreiro
Em cada conquista, em cada vitória
Na pele, na memória,
Na minha e na sua história
Tem um pouco de navio negreiro

[Feliph Neo]– Refrão

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios
Somos negros
Somos brancos,
Somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo
Somos tribo, somos gente
Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura.

Bakhtin (2011) afirma que a linguagem se destaca nas relações constitutivas entre a atividade humana e o uso da língua. Para o pensador, a língua se efetiva pelas diferentes formas de enunciados, sejam estes orais ou escritos. Ainda de acordo com o autor, a atividade humana é capaz de mobilizar os enunciados que estão em interdependência, numa compreensão multiforme das condições específicas e das finalidades proferidas pelos integrantes de cada campo de atividade. Conforme Bakhtin: “[...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 2011, p. 279).

Nessa perspectiva, Bakhtin afirma, ainda, que as atividades humanas apresentam padrões típicos, mas que podem ser dinâmicos e mutáveis a partir do momento em que os enunciados assumem suas formas discursivas, potencializando sentidos por meio dos gêneros, nas diferentes esferas sociais em que essas atividades são realizadas. Assim, para pensar as condições em que os sujeitos se localizam na sociedade, nas suas ações e suas escolhas, torna-se necessário situar as práticas que mobilizam esses discursos. É nesse cenário que o RAP, como gênero musical de uma prática discursiva, desencadeia o processo de constituição dos sentidos, uma vez que pode atuar de forma ativa em atos enunciativos. Afinal, é a partir dessa estrutura dialógica que será possível incluir novos leitores/ouvintes no processo de interpretação dos sentidos, estimulando-os ao debate e a posicionamentos sobre as práticas sociais que movem os sujeitos na sociedade.

Outro ponto a ser considerado é que todo objeto traz consigo uma carga ideológica na relação de significação que apresenta. Diante disso, pensar no RAP pressupõe pensar a cultura de um grupo social e suas tradições, nas quais as conexões com o simbólico tornam-se constituintes de uma articulação entre a Linguística e os processos ideológicos. Essa relação, ao ser manifestada, faz com que a produção dos sentidos se constitua culturalmente, materializando-se na linguagem a partir de elementos (de ordem ideológica, política e simbólica) inseridos naquele discurso. De acordo com Volóchinov (2018, p. 112), “a ideologia faz parte do modelo estrutural da formação social, que é determinada pela base econômica [...]”. O autor afirma ainda que “[...] essas mesmas forças criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa etc.) que, por sua vez, determinam as formas de expressão sgnica”.

Seguindo esse raciocínio, a ideologia pode ser entendida numa realidade plural, englobando todas as manifestações que determinam essa superestrutura, ou seja, a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética e a política, e que estão diretamente relacionadas à ideologia do cotidiano. Nesse âmbito, destaca-se a natureza social desses conteúdos, a partir da palavra, que é considerada o material mais usual da comunicação cotidiana. Ademais, a ideologia do cotidiano, além de se materializar sob a forma de signos, pode ser inteiramente exteriorizada nos gestos e nos atos. Desse modo, o RAP se apresenta com uma força intimamente relacionada ao grau do seu alcance, uma vez que a musicalidade, no caso do poema em questão, traz consigo um ritmo, uma harmonia, uma forma, um timbre, entre outros elementos discursivos que se propagam culturalmente por meio da linguagem verbal e da linguagem não verbal.

Para Volóchinov (2018, p. 112), o verdadeiro lugar de existência do ideológico foi criado pelo homem e está nas relações estabelecidas entre as classes sociais, nas quais os sujeitos ocupam seus lugares e se organizam. Atribui-se, assim, ao RAP, como obra artística, uma função produtiva na unidade da vida social daqueles que o movimento representa e que está vinculada à realidade dessa materialidade ideológica.

Na visão de Bronckart (2008, p. 113), ao falar sobre interacionismo sociodiscursivo (ISD), é relevante atentarmos para duas noções fundamentais: atividade e ação (de linguagem). A primeira nos remete às dimensões sócio-históricas das condutas humanas que, segundo Leontiev, dizem respeito à forma funcional como os organismos vivos se organizam no meio ambiente para construir elementos de representação interna sobre esse mesmo ambiente. A segunda noção fundamental, que diz respeito à ação, considera a conduta humana em sua dimensão psicológica e nos remete à ação individual que estabelece resultados via apropriação da atividade social mediada pela linguagem. “Sob efeito dessas operações, determinados conhecimentos são abstraídos dos contextos socioculturais e semióticos locais e se organizam em sistemas de representações coletivas que tendem à universalidade.” (BRONCKART, 2008, p. 113).

Nessa perspectiva, é importante salientar que a canção analisada, que carrega a voz do *rapper* Slim Rimografia e do seu parceiro Filiph Neo, traz uma versão atualizada do poema de Castro Alves. O cantor introduz a música pelo refrão, marcado pelo verbo “ser” – verbo que, conjugado

na primeira pessoa do plural, no presente do indicativo, indica um estado do sujeito. Da mesma forma, pode-se observar que o intérprete finaliza a música com o mesmo refrão. Já no poema original, Castro Alves trabalha a introdução da sua obra com o verbo “estar”, que traz em sua materialidade linguística um caráter transitório de indicação do tempo e do espaço. Assim, o *rapper* demonstra conceber uma relação dialógica com o texto original, em que o “ser” e o “estar” representam, substantivamente, o lugar de quem está falando. A partir de um deslocamento espacial constituído, o “somos” indica que os descendentes da escravidão no Brasil e os escravizados por outros sistemas contemporâneos estão falando, enquanto o “estamos” do poema de Castro Alves indica que quem fala não é o sujeito escravizado. Isso fica claramente denotado no poema, chamando a atenção sobre os efeitos de sentido provocados pelos verbos representados, como podemos observar a seguir.

Somos sonhos, somos luta
 Fomos mão de obra barata
 Somos arte, somos cultura
 Somos ouro e somos prata
 Somos índios
 Somos negros
 Somos brancos
 Somos afrodescendentes
 Somos raça, somos povo
 Somos tribo, somos gente
 Somos sonhos, somos luta
 Fomos mão de obra barata
 Somos arte, somos cultura
 (SLIM RIMOGRAFIA, 2011)

Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
 Brinca o luar — dourada borboleta;
 E as vagas após ele correm... cansam
 Como turba de infantes inquieta.

‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
 Os astros saltam como espumas de ouro...
 O mar em troca acende as ardentias,
 — Constelações do líquido tesouro...

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
 Ali se estreitam num abraço insano,
 Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
 Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

‘Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
 Ao quente arfar das virações marinhas,
 Veleiro brigue corre à flor dos mares
 Como roçam na vaga as andorinhas...

(CASTRO ALVES, 1870)

Na sequência, a segunda parte da música chama a atenção para a transposição temática desse tempo e desse espaço, quando compara

os porões dos navios negreiros, em condições subumanas de higiene e conforto, às embarcações de ferro e aço, referindo-se possivelmente aos transportes públicos da atualidade, que realizam seus trajetos nas grandes cidades de forma precária. O “rio negro de piche e asfalto” faz alusão ao mar, enquanto a disputa “palmo a palmo por um espaço” sugere indícios de luta, de subsistência e de resistência no dia a dia. Além disso, pode-se observar que a construção dos versos pelo *rapper* soa como uma resposta às perguntas feitas por Castro Alves na estrofe original, promovendo o diálogo entre os textos.

A intertextualidade, nesse caso, pode ser vista como estratégia de contextualização sócio-histórica, quando o *rapper* mostra a desigualdade social e a discriminação ao discursar sobre as dores, as perdas e os sofrimentos de que são acometidas essas pessoas, estabelecendo um comparativo com o cenário atual dos afrodescendentes na sociedade. Além disso, o cantor-autor retoma o sentido do verbo “ser” - sob a perspectiva representativa da expressão - ao questionar “quem são os heróis?”, “quem são os bandidos?”. Por fim, como poderá ser observado a seguir, o *rapper* demonstra-se consternado com a situação atual de injustiça social ao contestar as honras ao mérito - “quem merece honra?”, “quem merece ser punido?” - num nítido movimento de manifestação.

Estamos em pleno mar
Embarcações de ferro e aço
Onde pessoas disputam
Palmo a palmo por um espaço
Nesse imenso rio negro
De piche e asfalto
Cristo observa tudo calado
De braços abertos lá do alto
Onde a lei do silêncio impede
que ecoe o grito do morro
Dos poetas em barracos sem forro
Que clamam por socorro
Homens de pele escura
Sem sobrenome importante

Filhos de reis e rainhas
De uma terra tão distante
O mar separa o Brasil da África
Um rio separa as periferias das
Mansões de magnatas
Uniformes diferenciam
Funcionários de patrões
A cor denuncia vítimas
Antigas de explorações

Trazidos em porões e navios negreiros
Tratados como animais
Vendidos a fazendeiros
Vivendo em cativeiros
Negociados como mercadoria
Enriquecendo a classe nobre
Hoje chamada burguesia
Deixou pra trás dialetos e crença
Caçados, mortos e açoitados
Quem tentou resistência
Tratados como gado
Sem direito à educação
Emudeceram seus tambores
Amaldiçoaram sua religião
Alguns morreram de fome,
De sede, de frio
Corpo magro, cheio de marcas
E o estômago vazio
Me diz: Quem são os heróis e
Quem são os bandidos?
Quem merece honra,
Quem merece ser punido?
Quem lutou por liberdade,
Na história foi esquecido
Sem status, sem monumentos,

Só barracos foram erguidos
(SLIM RIMOGRAFIA, 2011)

Donde vem? onde vai?
Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo – o mar em cima – o firmamento...
E no mar e no céu – a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto
ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa
E o vento, que nas cordas assobia...

.....
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar – doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

(CASTRO ALVES, 1870)

Na parte quatro da composição, o *rapper* faz uma crítica à suposta liberdade dada aos negros escravizados que, ao não terem mais utilidades, foram abandonados à própria sorte, sem quaisquer direitos. Neste trecho, o cantor-autor parece apontar, conforme seu ponto de vista, as consequências da colonização. Vejamos:

Fomos tratados como nada
Trazidos como bicho
Oprimidos e usados
Dispensados como lixo
Temos muito que mudar
A história não acabou
Por cada vida que por liberdade
Como Cristo, se sacrificou
Bisavós cuja a voz foi silenciada
E por nós sua luta
não pode ser abandonada

O navio hoje é barca
sem vela, só sirene
Navegando na estrada
Hoje volante, ontem lemes
O porão é chiqueiro de camburão
Os chicotes e açoites
Trocados por cacetete e oitão
Senzala virou presídio
Quilombo é favela
Heróis: Malcolm X, Luther King
Zumbi e Mandela

Escravidão ainda existe
Em cada olhar triste nas esquinas
Nos becos e vielas
Nos sonhos em ruínas
No esgoto a céu aberto
Na criança desnutrida

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
– Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês – marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...

Nas mãos que pedem esmola
Nas ruas e avenidas
Herdeiros da miséria dos escravos
Trazidos em navios
Soldados do breu em busca do brio
Filhos da pátria amada
Idolatrada mãe gentil
Onde tu estavas que tamanha
atrocidade não viu

O Francês – predestinado –
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

(CASTRO ALVES, 1870)

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães
Outras, moças, mas nuas e espantadas
No turbilhão de espectros arrastadas
(SLIM RIMOGRAFIA, 2011)

Nesta etapa da letra da canção, pode-se depreender a releitura que é feita a partir dos signos linguísticos que simbolizam a opressão, nos quais as “naus”, os “chicotes” e a “senzala” passam a ser ressignificados e recontextualizados em “camburão”, “cacete” e “presídio”. Eis uma relação discursivo-dialógica de reconhecimento crítico da conjuntura de marginalização sociorracial e da realidade cotidiana experienciada por esses grupos na atualidade. O *rapper* finaliza a segunda estrofe da música com uma saudação a líderes negros da história mundial que lutaram contra o racismo, representando gerações e, de alguma forma, mudando os rumos desses povos. São eles: “Malcolm X”, “Luther King”, “Zumbi” e “Mandela”.

Na parte cinco, aspectos sobre a dignidade humana são trazidos para o debate, numa forte crítica aos direitos básicos garantidos em Constituição (e não cumpridos) como moradia, saúde, alimentação, saneamento básico e educação. Na estrofe “Escravidão ainda existe[...]” o cantor arremata chamando o Estado à responsabilidade por sua omissão. Por fim, Rimografia traz um trecho do poema original de Castro Alves, em que é retratada a dor/angústia da mulher preta, seja na condição de mãe seja pelo fato de ser apenas mulher e preta, de modo a estabelecer uma relação dialógica com o texto- fonte.

Na sexta parte da música, Slim Rimografia recorre ao nome “Navio Negroiro” diversas vezes, interagindo com o poema de Castro Alves, poeta da Terceira Geração Romântica no Brasil (1870-1880), no tempo e no espaço, a partir da significação da palavra no imaginário coletivo. Diante da perspectiva (social e histórica) estabelecida, o *rapper* constitui um diálogo com o que o negro representou e ainda representa para a sociedade, resgatando a memória cultural dada pelos africanos aos brasileiros. Nessa perspectiva, o nome da embarcação carrega um peso simbólico de dor e desesperança, mas, ao mesmo tempo, a riqueza dos hábitos e costumes trazidos por esses povos. Dentre tais heranças, o cantor cita o samba, as crenças religiosas, as comidas típicas, a influência linguística, os festejos que ao longo dos anos foram se misturando aos hábitos e costumes brasileiros, exercendo um importante papel na construção de nossa brasilidade e presentes em nossa formação identitária.

Tem um pouco de navio negroiro
 Embaixo de cada viaduto
 Em cada lágrima derramada
 Em cada mãe que veste luto

Tem um pouco de navio negroiro
 Em cada mão que pede esmola
 Em cada beco e viela
 Em cada criança longe da escola

Tem um pouco de navio negroiro
 Na viola, no pandeiro
 No atabaque, no cordel
 Na enxada e no tempero

Tem um pouco de navio negroiro
 Na igreja, no terreiro
 No santo, no orixá
 Na benzedeira e no obreiro

Tem um pouco de navio negroiro

No crucifixo, no patuá
 Na mulata, no crioulo
 E na cumbuca de Munguzá

Tem um pouco de navio negroiro
 Na música, na poesia
 Na dança, nas artes
 E em cada panela vazia

Tem um pouco de navio negroiro
 No futebol, no carnaval
 No azeite de dendê
 No acarajé e no código penal

Tem um pouco de navio negroiro
 No reflexo do espelho
 Dos que lutaram e morreram
 Pra não viver de joelho

Tem um pouco de navio negroiro

Em cada conquista, em cada vitória
Na pele, na memória
Na minha e na sua história

Tem um pouco de navio negreiro...
(SLIM RIMOGRRAFIA, 2011)

Não podemos deixar de atentar à última parte do poema de Castro Alves, dividida em três estrofes e que apontam a evidente conotação político-ideológica do autor. Num primeiro momento, a bandeira é tratada com pouca importância e o poeta chama a atenção para o ato de repensá-la (a bandeira) como símbolo de luta pela liberdade e de esperança que reside na nação, manchada pelo tráfico de escravos. Numa perspectiva dialógica, essa estrofe parece interagir com a música do *rapper* Slim Rimografia, ao pôr em xeque a responsabilidade da nação que hasteia a bandeira nacional em prol das atrocidades escravagistas e seus mentores. Já a estrofe final sinaliza o posicionamento de um sujeito indignado com a escravização e com a forma que tal barbaridade é conduzida. O autor, revoltado, usa palavras de ordem – tais como “Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!” – com o objetivo de conscientizar o leitor para a necessidade da participação ativa que a sociedade deve ter acerca da causa libertária. Na tentativa de levantar a bandeira do fim da escravidão, Castro Alves finaliza a estrofe clamando ao navegador Colombo – “fecha a porta dos teus mares!” Dessa maneira, podemos observar que a parte final do poema aponta para desdobramentos que continuam presentes em diversas situações do cotidiano brasileiro, como pode ser observado a seguir:

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia? Silêncio.
Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...
Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

(CASTRO ALVES, 1870)

O RAP, enquanto gênero musical, é carregado de linguagens verbais e estimula uma análise significativa a partir do conjunto de enunciados a que se apresenta. Sob o prisma cognitivo do contexto sócio-histórico-cultural, pode-se entender que esses enunciados integram a vida dos sujeitos pelo diálogo que estabelecem com o seu cotidiano, fortalecendo, assim, concepções interacionistas e dialógico-discursivas que tomam como base a relação locutor/interlocutor e a realidade. Para Bakhtin (2003, p. 283), “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Desse modo, pode-se observar que o *rapper* explora a sua música a partir dos pontos de vista do negro e do seu lugar na sociedade, produzindo realidades que se articulam com outros enunciados, em outras situações, construindo a interação dialógica.

Bakhtin (2003) destaca, ainda, que é a partir das concepções que o locutor tem a respeito do destinatário e das esferas de atividade que o estilo do discurso é definido. Nessa perspectiva, entende-se que o *rapper*, inclusive, se insere nessas concepções, quando aborda aspectos históricos e simbólicos acerca da diáspora africana, correlacionando-os a fatores

socioculturais e econômicos presentes no cotidiano dos grupos que representa. Compreende-se, assim, que o poema-canção é orientado pela consciência individual, mas, também, coletiva; o que resulta em um diálogo a partir das chamadas interconsciências que são acionadas. Diante disso, é possível que o *rapper*, pelo uso do discurso poético e em diálogo com um poema de outro contexto sócio-histórico, constitua uma atividade social na medida em que os grupos sacrificados e as histórias descritas se fazem (re) conhecer ideologicamente.

Para Volóchinov (2017, p. 93), a ideologia faz parte do modelo estrutural da formação social, que é determinada pela base econômica. Nessa perspectiva, podemos observar que o poema do *rapper* Slim Rimografia (2011) e o próprio estilo musical (*rap*) se apresentam não apenas como produto de consumo, mas também como manifestação popular de origem ideológica que se estrutura no campo da arte. A partir da natureza social com que está envolvida, a ideologia do cotidiano se materializa na exteriorização da interação verbal que o poeta realiza com a sociedade. Volóchinov (2017, p. 93) deixa claro que tudo que é ideológico possui valor semiótico. Para ele, os signos ideológicos são dos mais variados tipos, podendo ser divididos em verbais e não verbais. Neste caso, o RAP “O Navio Negroiro”, como produto ideológico, é carregado de signos de luta e resistência que são levados para além do campo da arte, a partir dos efeitos produzidos pelas representações e reações provocadas no meio social.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 99), “é algo que vai de fora para dentro, fazendo com que a consciência individual passe a se formar no campo da interação social”. Nessa perspectiva, a expressão “O Navio Negroiro” torna-se um fenômeno ideológico na esfera artística, por conta do peso simbólico que carrega, uma vez que, além de aparecer no título do *rap*, é manifestado em toda a obra de forma contundente, como se quisesse nos lembrar o tempo todo da força dessa representação. Para Volóchinov, é na materialização da palavra que podemos explicar da melhor maneira possível as formas ideológicas da comunicação sógnica.

Nesse sentido, ao escolher a abordagem sociointeracionista para tratar o RAP, assumimos o enunciado como forma de representação, uma vez que se articula constantemente entre linguagem e ideologia. Da mesma forma, pode-se dizer que o *rapper* conseguiu, por meio do agenciamento das marcas dialógico-discursivas com o poema de Castro Alves, trazer para a

atualidade a conscientização da cultura afro-brasileira, resgatando, a partir do diálogo com as experiências trazidas à memória, a ancestralidade de um povo e o seu histórico de resistência e luta contra o racismo, a exclusão social e o preconceito. Assim, espera-se que esse diálogo temático entre os dois gêneros discursivos permita uma maior compreensão da estrutura composicional dos enunciados de como se articulam para a construção dos sentidos na atividade de interação.

Considerações finais

Pode-se observar o diálogo estreito entre os recursos linguísticos e discursivos que estão presentes no poema-canção “O Navio Negroiro”, do *rapper* Slim Rimografia e no poema de Castro Alves. Ambos não somente mobilizam conteúdos temáticos relacionados à constituição ideológica dos sujeitos, mas também dialogam entre si, a partir de práticas e valores sociais que, muitas vezes, aparecem estigmatizados e distorcidos pelo senso comum. Assim, podemos considerar que a (re)contextualização do poema permite que seja possível ressignificar as visões sobre o processo de construção e valorização da cultura negra, a partir da música e da literatura, uma vez que as condições enunciativas é que possibilitam a organização do texto, a seleção e a combinação dos mecanismos linguísticos para a realização da interação verbal. “Cada grupo possui inúmeros gêneros discursivos que se alteram de acordo com o desenvolvimento de cada esfera, gerando uma enorme diversidade de gêneros.” (BAKHTIN, 2003, p. 291).

Da mesma forma, os signos linguísticos, no RAP, aproximam o sujeito da formação crítica e autônoma. Entende-se que as heranças dos povos que constituíram os pilares de nossa cultura afro-brasileira ganham visibilidade a partir dos efeitos produzidos pelas representações e reações provocadas no meio social, ou seja, “é algo que vai de fora para dentro, fazendo com que a consciência individual passe a se formar no campo da interação social” (VOLOCHINOV, 2017, p. 205). Assim, a releitura do poema propicia um viés interessante a ser levado em discussão para que

consigamos entender como esse fenômeno externo é representado pelo sujeito e como podem ser traduzidos, identificados e definidos na sociedade.

Pode-se entender, ainda, que os signos assumem as funções ideológico-discursivas em dados contextos históricos, sociais e políticos, estabelecendo o *status quo* e a formação e/ou a divisão de grupos sociais. A partir de uma proximidade afetiva, o efeito ideológico se materializa no processo de realização enunciativa que se repete nas práticas sociais, bem como nas relações de poder instauradas entre os sujeitos. Diante disso, este estudo nos mostra que os estudos ligados ao interacionismo sociodiscursivo e à análise dialógica podem balizar, do ponto de vista ético e também analítico, os processos enunciativos, a partir de um olhar atento e crítico sobre as regularidades que constituem as relações entre os sujeitos e os espaços sociais. Logo, pode-se concluir que o RAP e a Literatura cumprem a função de possibilitar o diálogo necessário para tal reflexão.

Referências

ALVES, Castro. **Navio Negroiro**. 1870. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 25 de jan. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BRONCKART, Jean-Paul. O quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). *In: O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução de Ana Raquel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008. p.109-129.

DOMÍNIO PÚBLICO. O Navio Negroiro. Castro Alves. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 25 de jan. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. *In: Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

TV PANDA BOOKS. **Navio Negroiro**. Slim Rimografia. YouTube, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hoaJV3xsVeM>. Acesso em: 25 de jan. 2022.